

OCUPAÇÕES URBANAS DESVIANTES E DISCIPLINADAS NA LINHA DE FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY

LORENA MAI RESENDE¹; EDUARDO ROCHA²

¹Universidade Federal de Pelotas – lorenamilitao@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O termo ocupação pode estar ligado tanto a posse de determinado lugar/espço, como também a ocupação no sentido de emprego, ofício, trabalho. O verbo ocupar no espaço-tempo e o adjetivo ocupado na imersão do sujeito no tempo de uma tarefa. Em todo caso esse termo indica uma ação, uma prática, seja ela temporária ou contínua, em movimento ou estacionária, individual ou coletiva.

A ocupação a que dedicamos atenção se concentra nas distintas formas de ocupações urbanas que experienciamos nas cidades-gêmeas durante as travessias na linha de fronteira Brasil-Uruguay. Ocupações que denunciavam tanto a precariedade e o déficit da política social de moradia e habitação, como das formas aprisionísticas das condições de emprego formal. Ocupações que podem ser entendidas como desvios entre o conceito lefebvriano do espaço abstrato e diferencial, ambos imersos no espaço político da luta de classes.

Trataremos aqui tanto das ocupações “desviantes” como das ocupações que denominamos “disciplinadas”, presenciadas na linha de fronteira. As ocupações desviantes são aquelas que tentam escapar das normativas, que não se enquadram em planejamentos ou projetos urbanos, eventos urbanos inesperados, transgressores, que muitas vezes estão submetidos a ameaças, como exemplo o acampamento de ciganos em Jaguarão. Enquanto que as ocupações disciplinadas são movimentos que promovem usos diferenciados, atípicos na cidade, mas obedecem a uma antecipação e organização, sendo constantemente monitorados, como exemplo o evento Enogastronômico que acontece anualmente na Praça Internacional em Santana do Livramento/Rivera.

O ato de divulgar, como nesta publicação, essas potentes rupturas promovidas pelas ocupações, abrem frestas para questionarmos o nosso próprio papel como instituição acadêmica e profissional dentro da arquitetura e urbanismo. Como acolher esses desvios aprendendo sobre essas novas táticas de apropriação e inserção urbana sem a pretensão de criar estratégias para afastá-los, apagá-los considerando-os mazelas ou “pestes” urbanas?

Assim, este estudo tem como objetivo cartografar e analisar as diferentes narrativas e fatos urbanos menores experienciados durante as travessias pela linha de fronteira Brasil-Uruguay, a fim de elevar a discussão sobre o papel do profissional arquiteto e urbanista na intervenção, ou não, de planejamentos e projetos urbanos contemporâneos.

Ressalta-se que esta pesquisa compõe uma pequena parte da dissertação de mestrado “Cartografia urbana na linha de fronteira: Travessias nas cidades-gêmeas Brasil-Uruguay” defendida em junho de 2019 na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada para este estudo foi a cartografia urbana sensível, de cunho qualitativo, privilegia o processo investigativo às respostas pré-definidas, o próprio território direciona as pistas em trajetos rizomáticos. O mapa resultante dessa cartografia expressa minúcias da cidade que normalmente não adquirem a devida importância, – isso porque são características que ferem, rompem com a estrutura do Estado/Poder e denunciam as mazelas da desigualdade urbana e social de forma mais contundente –, fatos que nem sempre conseguem ser apreendidos (nunca representados) sem o olhar atento para os detalhes do cotidiano, da experiência na caminhada, nas cenas urbanas registradas, dos sons, cheiros e texturas.

Desde a década de 60, os filósofos Deleuze e Guattari (1995) lançam uma nova maneira de apreender os acontecimentos em constante transformação. Em seus estudos sobre o sujeito, subjetividade e os processos de subjetivação, no campo da esquizoanálise, os autores perceberam que os métodos, até então conhecidos, não conseguiam dar conta da complexidade do tema. Dessa forma, a cartografia é anunciada com o intuito de se aproximar desta lacuna. No Brasil, o reconhecimento da cartografia como método de pesquisa iniciou em 2005 com a publicação das “Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade”, organizado por Passos, Kastrup e Escóssia (2009).

E, como procedimento metodológico de coleta, recorreremos a pedagogia da viagem que pode ser entendida como a experiência em dois sentidos. Primeiramente é uma viagem efetiva ao local de estudo, uma viagem até certo ponto conhecida pois sabemos para onde vamos. No entanto, é também uma viagem para descobertas e experimentação rumo a acontecimentos imprevisíveis.

Desse modo, a partir de uma viagem por toda linha fronteira Brasil-Uruguay, tornou-se possível criar atravessamentos narrativos, cartografias urbanas sensíveis e experimentar ser um estrangeiro-nômade aberto ao outro. Michel de Certeau (1994) esclarece que todo relato pode ser considerado um relato de viagem, que nada mais é do que uma prática do espaço.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observando as nuances do espaço social, Lefebvre (2013), compreende o espaço em abstrato e diferenciado. O espaço abstrato pode ser equiparado às formas de abstração promovidas pelo emprego formal dominado pelas diretrizes capitalistas sob vigilância do Estado. Ou seja, um espaço formal, homogêneo, fragmentado, hierarquizado e controlado. Um espaço que prevalece a identidade, o mesmo, a repetição em detrimento da diferença e possíveis rupturas. E, por mais que esse espaço abstrato tenha fortes características totalizantes, dentro dessa estrutura há arritmias que escapam de toda essa máquina de controle. Movimentos sociais, manifestantes, questionadores que vão contra a esse tipo de dominação espacial e demonstram que existem espaços e formas de ocupação que fogem dessa subordinação predominante do valor econômico de troca (BASTOS, et al., 2017).

A partir dessa contradição no espaço abstrato, Lefebvre descreve o espaço diferencial: espaço que promove a dissolução da homogeneização para criar novas relações sociais implicadas, principalmente, na experiência e apropriação diferenciada dos espaços. Tal relação espacial não aceita a propriedade privada a qualquer tipo de controle ou dominação da lógica capitalista e do Estado que deseja ser protagonista do próprio espaço cotidiano.

Assim, entre o espaço abstrato e diferenciado, entre as formas de

dominação e apropriação, entre as estratégias e táticas, existem as práticas espaciais do desvio. Desvios que são potentes para o entendimento e compreensão das tensões sociais, situações urbanas que nos ensinam maneiras inventivas de formas de apropriação autênticas. Sujeitos, atores, pessoas que estão submetidas às normas e dominação do Estado, porém não aceitam de forma pacífica e estabelecem outros meios de interação com espaço.

Um exemplo de ocupação desviante foi observado na cidade de Jaguarão, observamos um acampamento de ciganos na borda do Rio Yaguaron. Quatro grandes tendas se instalaram próximas a Ponte Internacional Barão de Mauá. Famílias de ciganos que se apropriavam daquele território como moradia temporária. Dentro das tendas observamos redes, alguns eletrodomésticos, móveis de madeiras e uma diversidade de objetos. Um lugar que antes estava vazio de usos, agora recebia a função de abrigo e proteção para algumas famílias. O nômade como vetor de desterritorialização, diferente do migrante que se reterritorializa em um “depois”, ou do sedentário que precisa de “outra coisa”, material para se reterritorializar, o nômade “é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 44).

No entanto, o pensamento e atitude nômade incomoda o Estado pois coloca em risco a integridade do seu controle e poder. As armas dos nômades como máquina de guerra são os afetos que agem por ação livre, imediata, sem finalidade específica (hospitalidade), enquanto que os utensílios do Estado têm um objetivo premeditado e obedece a uma organização e regulamentação (hostilidade). “Para qualquer Estado, não só é vital vencer o nomadismo, mas controlar as migrações (...)” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 50). Argumento que comprova que as ocupações desviantes estão em iminência de rompimento pelo próprio Estado.

Enquanto que na mesma fronteira, observamos um exemplo de ocupação disciplinada (espaço abstrato): o evento Enogastronômico nas cidades de Livramento/Rivera. Evento comemorativo que além de palestras e visitas turísticas conta com um almoço coletivo na Praça Internacional, uma grande mesa é formada na linha que divide os países, como uma demonstração simbólica de integração. Porém, o espaço público é setorizado, cria-se um interior e exterior, há nas laterais uma barreira que divide o espaço comum, além de seguranças em alguns pontos estratégicos – medidas essas apoiadas por leis e diretrizes do próprio Estado. Esse zoneamento e hierarquização transforma um espaço público, comum, de direito universal em um espaço privado, exclusivo, tendo acesso somente aqueles que compraram o ingresso. Uma hospitalidade seletiva que acolhe os hóspedes privilegiados e hostiliza os demais visitantes ao impedir o acesso integral de um espaço que também é seu por direito. “Cria-se a ilusão de que é preciso conquistar o direito de entrar em determinadas áreas diferenciadas, mesmo sendo parte do mesmo espaço público” (GUATELLI, 2015, p. 180).

Embora compreendamos a importância desses eventos de integração, questionamos até que ponto o controle do espaço público na promoção desses eventos corrobora para efetiva integração e abertura para uma hospitalidade verdadeira? Como o enquadramento do espaço através de barreiras físicas, em um lugar até então aberto, pode agregar no sentido de acolhimento e fortalecimento dos laços entre países vizinhos?

O fechamento temporário da praça neste dia refletia mais a segregação do que a integração. Do lado de dentro o entusiasmo, alegria, exaltação, um aroma

de um belo almoço acompanhado de sorrisos e conversas. Enquanto do lado de fora os espectadores, olhares de turistas curiosos, de vendedores ambulantes que cotidianamente usam desse espaço para seu sustento, nativos e estrangeiros que não possuíam o poder de compra e somente assistiam ao espetáculo e a nítida diferença social.

Inquietações que foram possíveis na imersão das múltiplas dobras desses lugares de espera. Seja a ocupação desviante ou disciplinada, ambas colocaram nossos corpos em uma situação de imobilidade, pausa, algumas de forma mais acolhedora e com maior duração próximo das aberturas das enseadas, e outras menos receptíveis, porém abertas a questionamentos.

4. CONCLUSÕES

Através da pedagogia da viagem, das travessias, na imersão corporal pela linha de Fronteira Brasil-Uruguay e, depois, na análise cartográfica desses acontecimentos, foi possível compor e mapear as manifestações e cenas urbanas. Manifestações contemporâneas que não se encontram em bibliografias tradicionais e que revelam a potência dos acontecimentos menores como dispositivos criadores.

A cartografia urbana permite a desacomodação física e do pensamento dos pesquisadores, um método investigativo que apresenta novos desafios para o profissional arquiteto e urbanista. Observar e aprender com ocupações e apropriações urbanas é acompanhar e estar atento as transformações das cidades e sociedades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Camila Diniz; MAGALHÃES, Felipe N. Coelho; MIRANDA, Guilherme Marinho; SILVA, Harley; TONUCCI, João Bosco M. filho; CRUZ, Mariana de Moura; VELLOSO, Rita de Cássia Lucena. Entre o espaço abstrato e o espaço diferencial: ocupações urbanas em Belo Horizonte. **Revista Brasileira Estudos Urbanos Regionais**, Recife, v.19, n. 2, p. 251-266, maio-agosto, 2017.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. Vol.1.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: editora. 34, 1997.

GUATELLI, Igor. A hospitalidade urbana e a multidão. **Pós** – Revista do programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo da fauusp. Vol. 22, n. 38, p. 172-190, São Paulo, 2015.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e Produção de Subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.